

# PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E O IMPACTO DE NOSSAS PESQUISAS: UM CONVITE CONSTRUCIONISTA SOCIAL

KNOWLEDGE PRODUCTION AND THE IMPACT OF OUR RESEARCH: A SOCIAL CONSTRUCTIONIST INVITATION

CINTIA BRAGHETO  
FERREIRA <sup>1</sup>

CELIANE CAMARGO-  
BORGES <sup>2</sup>

PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO E IMPACTO DE NUESTRA INVESTIGACIÓN:  
UNA INVITACIÓN CONSTRUCTIVISTA SOCIAL

<sup>1</sup> Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro-UFTM,  
Uberaba, MG, Brasil

<sup>2</sup> Breda University of  
Applied Sciences,  
Breda, The Netherlands

**RESUMO:** E se a avaliação da nossa produção científica fosse dada a partir do participante e seu contexto? As medidas de impacto e avaliação de uma pesquisa costumam ser atribuídas a sua publicação e quantidade de citações recebidas. Porém, quais efeitos emergiriam se utilizássemos como parâmetro a avaliação de quem participa dessas pesquisas? Este texto é uma oferta para pensarmos nossos trabalhos, não apenas na lógica da academia tradicional, mas também como prática ética e relacional, atenta aos contextos, às narrativas e aos significados compartilhados nas interações. Para tanto, demonstramos como a orientação construcionista social e as artes podem ser recursos para a construção de pesquisas relacionais, voltadas à construção de futuros desejáveis e em sintonia com as necessidades das comunidades participantes.

**Palavras-chave:** Pesquisa científica; Construcionismo Social; Interações dialógicas; Artes.

**ABSTRACT:** What if the evaluation of our scientific production were based on the participant and their context? The measures of impact and evaluation of research are usually attributed to its publication and the number of citations received. However, what effects would emerge if we used the evaluation of those who participate in this research as a parameter? This text is an offer to rethink our work, not only within the logic of traditional academia, but also as an ethical and relational practice, attentive to the contexts, narratives, and shared meanings in interactions. To this end, we demonstrate how the social constructionist approach and the arts can be resources for constructing relational research, aimed at building desirable futures and in tune with the needs of the participating communities.

**Keywords:** Scientific research; Social Constructionism; Dialogic interactions; Arts.

**RESUMEN:** ¿Que ocurriría si la evaluación de nuestra producción científica se basara en el participante y su contexto? Las medidas de impacto y evaluación de una investigación suelen atribuirse a su publicación y al número de citas recibidas. Sin embargo, ¿qué efectos se producirían si utilizáramos la evaluación de quienes participan en estos estudios como parámetro? Este texto propone una reflexión sobre nuestro trabajo, no solo dentro de la lógica de la academia tradicional, sino también como una práctica ética y relacional, atenta a los contextos, las narrativas y los significados compartidos en las interacciones. Para ello, demostramos cómo la orientación constructivista social y las artes pueden ser recursos para construir una investigación relacional, orientada a la construcción de futuros deseables y en sintonía con las necesidades de las comunidades participantes.

**Palabras clave:** Investigación científica; Constructivismo social; Interacciones dialógicas; Artes.

Recebido em: 28/08/2025  
Aceito em: 11/11/2025

<https://www.doi.org/10.38034/nps.v34i83.882>



## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, o impacto de nossos trabalhos, que são compartilhados como pesquisa, é mensurado pela capacidade de publicação e pelo número de vezes em que nossas produções são citadas por outros pesquisadores em suas pesquisas. Embora esse critério seja significativo, pois indica a disseminação de nosso conhecimento no meio acadêmico, bem como a validação e o apoio que oferecemos a outros colegas, a avaliação de nossos trabalhos raramente considera o impacto que exercem no ambiente onde são realizados.

Como seria a geração de conhecimento e a prática de pesquisa se nós, quando investidos em pesquisa, soubéssemos que seríamos avaliados pelos próprios participantes de nossas pesquisas? Daríamos prioridade à medição, controle e generalização, ou ao contexto, às demandas locais e às pessoas envolvidas?

Este texto é um convite para pensarmos sobre as formas como nossos trabalhos são importantes, não apenas na lógica da academia tradicional, mas também como prática ética e relacional, atenta aos contextos, às narrativas e aos significados compartilhados nas interações.

As respostas para as perguntas colocadas podem ser diversas, contudo, propomos pistas orientadas pelas pesquisas descritas como relacionais. Essas pesquisas, geralmente guiadas pelo *relational turn* (Selg & Ventsel, 2020), questionam, desafiam e propõem a produção de conhecimento como um processo social e dialógico, construído nas relações entre pessoas e contextos, em um determinado tempo histórico e cultural.

As pesquisas relacionais podem ser de abordagem qualitativa, quantitativa (Barati et al., 2024) ou mista; entretanto, o aspecto mais crucial reside na forma como a produção de conhecimento é concebida. Nesse contexto, o conhecimento é compreendido como um construtor da realidade, e não um descobridor de verdades objetivas. O pesquisador, neste entendimento, sai do papel de neutralidade e reconhece sua posicionalidade, levando-a em conta para refletir sobre a pesquisa, desde a formulação da pergunta até a metodologia escolhida. Essa abordagem está profundamente alinhada com os princípios da prática sistêmica e construcionista, em que o conhecimento emerge das conversas e relações, valorizando múltiplas vozes e perspectivas (McNamee, 2020).

Dentro do movimento do *relational turn*, podemos citar o construcionismo social pela sua proposta inovadora e criativa de pesquisa (Cordeiro et al., 2023), atrelada à ideia da ligação direta entre pesquisa e intervenção (McNamee & Hosking, 2012). O conceito de pesquisa-intervenção está profundamente interligado ao entendimento construcionista social de transformação do sistema em estudo (Camargo-Borges & McNamee, 2022). Essa forma de pesquisar se conecta à proposta da Revista Nova Perspectiva Sistêmica, ao reconhecer o potencial transformador das práticas colaborativas e das investigações que dão centralidade às relações e ao diálogo.

O construcionismo social, muito mais do que uma metodologia de pesquisa, trata-se de uma posição filosófica, uma epistemologia relacional, um movimento (Cordeiro et al., 2023) que coloca a linguagem e os significados no centro do processo investigativo. Nessa epistemologia, o conceito de *future-forming* é crucial. Orientado por ele, Gergen (2015) nos convida a reformular a ideia de pesquisa como uma forma de espelhar a realidade para uma ferramenta de imaginação e construção de futuros possíveis. Então, ao invés de focar no passado, pretende-se construir futuros mais desejáveis. O futuro está na construção cotidiana do presente. Essa perspectiva não apenas orienta o que investigamos, mas como nos posicionamos nas relações que constituem o ato de pesquisar.

Já que o conhecimento é produzido, e produzido por alguém, algumas questões éticas são importantes a serem respondidas: quem participa? Quem fica de fora? Como quem participa se relaciona? O que e como criam? Para quem escrevem, publicam e

divulgam os resultados e processos das pesquisas? É acessível em termos linguísticos e econômicos? Como a autoria é registrada? Quem se beneficia dos resultados? Todos os envolvidos estão conscientes dos seus efeitos? Como reagir às consequências não intencionais da pesquisa (Barati et al., 2024)?

Sendo assim, o conceito de *future-forming research* não propõe projetar cenários futuros, mas focar no presente, sabendo que a mudança acontece um passo de cada vez. As questões centrais que ancoram uma pesquisa mudam de: “como medir, prever, controlar e generalizar” – para quem esse tópico é útil? Qual é o impacto dessa pesquisa nesse contexto? E, a partir dessas questões, o pesquisador não é mais entendido como uma peça neutra e objetiva, mas alguém que participa ativamente da cocriação do conhecimento.

Dentro desse entendimento, a produção de conhecimento e sua publicação são mais uma etapa da construção de realidades possíveis e, portanto, é importante que seja de maneira democrática e diversa. Adota-se aqui uma ética baseada na responsabilidade coletiva e na prestação de contas, expressas na justiça social e na equidade, buscando tornar o mundo um lugar melhor para todas as pessoas e os seres vivos; centrada na transformação mútua – espera-se que a investigação beneficie todas as pessoas envolvidas na pesquisa por meio de narrativas significativas e ações participativas; interessada na coexistência da comunhão e da alteridade, em que a reflexividade relacional é cabível; analisa os padrões e as ligações sistêmicas dentro de nós, entre nós e entre nós e o mundo (Barati et al., 2024).

Podemos afirmar ainda que o construcionismo social é uma aproximação colaborativo-dialógica, que convida a romper com formas tradicionais de pensar e se relacionar com a pesquisa. Especificamente, nos direciona a entendimentos como: construímos linguagem e conhecimento de forma social e interacional; somos herdeiros e influenciados por conhecimentos que podem nos parecer naturais, mas que são construídos e posteriormente naturalizados. Precisamos estar abertos a questionamentos nossos e dos outros frente ao nosso conhecimento; o conhecimento local é fruto das nossas experiências cotidianas; a linguagem é produtora de conhecimento e de sentidos múltiplos; o que tomamos como conhecimento dado sobre os outros pode nos impedir de aprender com suas singularidades (Anderson, 2019).

Essa forma de entender a pesquisa abre espaço para relatos de experiência, narrativas e práticas que geram sentidos novos nos encontros, valorizando a singularidade dos contextos. Ela amplia as possibilidades para práticas de pesquisas interessadas na generatividade e utilidade para as comunidades com as quais trabalhamos (McNamee, 2017).

Em tempos de extrema competitividade, marcados por conflitos e pela negligência das demandas globais, as práticas relacionais tornam-se ainda mais urgentes na construção de futuros possíveis e viáveis (Gergen, 2021). Nesse cenário, o construcionismo social é uma via potente para transformar não apenas os modos de pensar, mas também as práticas de pesquisa (McNamee et al., 2023).

## **COMO TEMOS DE FATO CONSTRUÍDO E PRATICADO PESQUISA? COMO DADOS SÃO CONSTRUÍDOS?**

Orientada por uma prática mais participativa e engajadora, a perspectiva construcionista social busca recursos também em outros campos do saber, como as artes. Com seu potencial metafórico e transformador, as artes possibilitam o rompimento com as abordagens tradicionais de pesquisa, gerando dados mais ricos (Leavy, 2015), relações mais inventivas e autônomas, identidades ampliadas, além de atuarem como disparadoras de conversas e de seus encerramentos (Ferreira, 2022). Elas favorecem diálogos e novos entendimentos (Leavy, 2015; Paschoal & Grandesso, 2014; Rasera et al., 2004).

Para ilustrar o potencial das artes na construção de uma pesquisa relacional e orientada à criação de futuros, apresentamos dois exemplos que emergiram de nossos próprios percursos investigativos. Ambos mostram como os recursos artísticos, ao invés de serem apenas como apoio ilustrativo, tornam-se centrais no processo de produção de conhecimento. Nas experiências que compartilhamos a seguir, a arte atua como linguagem, como metáfora e como convite à reflexividade, transformando o encontro entre pesquisador e participantes em um espaço de criação coletiva de sentidos e possibilidades.

## CONSTRUINDO LINGUAGENS DE PESQUISA COM PINTURAS À ÓLEO E MÚSICA

Em nosso percurso de pesquisa com pessoas que convivem com condições crônicas de saúde, temos nos ancorado na produção artística de Frida Kahlo (1907-1954). Kahlo, artista mexicana que conviveu toda a vida com dores crônicas decorrentes de um acidente de trânsito, coloca essa experiência como a que despertou sua prática da pintura (Hesse, 2018; Kahlo, 2012).

Para a seleção das telas, utilizamos como critério aquelas que potencialmente pudessem criar espaços conversacionais para os sentidos associados aos desafios e às conquistas dos participantes, buscando assim o enriquecimento dos dados (Ferreira, 2022; Leavy, 2015). As artes visuais podem mediar reflexões, transmitir valores e promover mudanças e transformação social (Leavy, 2015).

Voltado a pessoas com doenças onco-hematológicas, selecionamos da obra de Frida: *Eu e Meus Periquitos* (1941); *Duas Fridas* (1939); *Coluna Partida* (1944); *Árvore da Esperança* (1946); *Raízes* (1943) e *Pensando na Morte* (1943). As figuras foram utilizadas como único recurso para a construção dos dados e possibilitaram que pessoas hospitalizadas para tratamento do câncer relatassem seus sentimentos e desafios relacionados à doença, além de expressarem esperanças em relação à vida (Carvalho, Costa Neto, & Ferreira, 2020).

Com cuidadores de pessoas com adoecimentos psiquiátricos e neurológicos, optamos de Frida por: *O Abraço do Amor do Universo, da Terra* (México), *Eu, Diego e o Sr. Xólotl* (1949) e *Dois Nus na Floresta* (1939), utilizadas conjuntamente a um roteiro de entrevista semiestruturado. Por meio dessas imagens, mulheres puderam refletir e associar o cuidado a um dever atribuído ao feminino, sem necessariamente mencionar a possível sobrecarga gerada por esse papel, pelo ato de cuidar (Nunes & Ferreira, 2021).

Dedicado a psicólogas hospitalares que trabalharam na fase da pandemia de COVID-19 sem a perspectiva da vacina, selecionamos das telas de Frida: *A coluna partida* (1944), *Duas Fridas* (1939) e *Árvore da Esperança* (1946). Por meio delas, as participantes puderam refletir sobre suas relações profissionais e familiares marcadas pelo período pandêmico, elencando o autocuidado e as estratégias para lidar com as emoções do período (Miranda, Ferreira, & Silva, 2024).

Para conversarmos com profissionais de residência terapêutica, utilizamos a metáfora musical por meio da metodologia do “Ritmos da Vida” (Müller, 2011), junto de um roteiro de entrevista semiestruturado e diário de campo. Construir músicas, ouvi-las ou cantá-las pode empoderar pessoas, conectá-las, diminuir seus sofrimentos (Leavy, 2015) e ajudá-las e conviver com seus conflitos (Müller, 2011). O acontecer grupal orientado pela referida metodologia auxiliou as participantes a construir um cuidado voltado aos moradores da residência muito mais em sintonia com os valores da Reforma Psiquiátrica (Ferreira & Ferreira, 2022).

O “Ritmos da Vida”, produto de um Mestrado, também foi útil para auxiliar enfermeiras nos desafios do cuidado de pessoas com COVID-19 e síndrome pós-COVID. Nos encontros, as profissionais resgataram desafios pessoais passados, como a perda

de entes queridos e de pacientes em decorrência da pandemia, bem como relatos de superação deles (Silva & Ferreira, 2023).

Como demonstrado, o “Ritmos da Vida” pode ser adaptado a diferentes contextos de pesquisa. Contudo, requer atenção para alguns pontos; dentre eles, o exercício de estudo piloto e sua utilização, combinada a outras formas de produção de dados (Ferreira, 2025).

## PESQUISANDO COM IMAGENS: A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM RELACIONAL

O segundo exemplo que gostaríamos de compartilhar vem também de uma pesquisa de mestrado, orientada pela segunda autora deste artigo, sobre turismo regenerativo (Pérez Subirana, 2025). A investigação foi realizada durante o *Swimmable Cities Summit 2025*, em Roterdã, um evento internacional que reuniu representantes municipais, ativistas, artistas, pesquisadores e líderes comunitários de mais de quinze países para explorar a transformação de espaços aquáticos urbanos em lugares de regeneração ecológica, conexão cívica e prazer coletivo.

O movimento *Swimmable Cities*, iniciado durante os Jogos Olímpicos de Paris em 2024, propõe a reimaginação dos rios urbanos como espaços vivos e acessíveis, conectando os direitos da natureza ao bem-estar humano. O movimento promove a interação com a natureza, a equidade no acesso à água, o investimento na regeneração urbana e o engajamento de múltiplas vozes na redefinição da relação entre corpo, cidade e ecossistemas aquáticos.

Nessa pesquisa de mestrado, a fotografia foi utilizada como ferramenta metodológica intencional para capturar atmosferas, gestos e relações com a água que dificilmente emergem em registros verbais. As imagens não foram apenas documentação, mas atuaram como linguagem de análise, revelando vínculos afetivos, estéticos e políticos com o ambiente.

A fotografia, nesse contexto, operou como meio de expressão da experiência vivida, expandindo os limites da linguagem acadêmica e enriquecendo a dimensão relacional da pesquisa. As imagens ajudaram a visibilizar relações entre corpo, água e cidade, revelando elementos de prazer, afeto, engajamento coletivo e reapropriação do espaço público. A partir de 90 fotografias produzidas durante o evento, o grupo de pesquisadores selecionou aquelas que mais evocavam os valores do movimento junto às percepções dos participantes da pesquisa, trabalhando coletivamente na análise. As imagens foram integradas às entrevistas, observações e conversas informais, compondo a análise temática que conectou o simbólico ao sensorial e reforçou os princípios centrais da proposta investigativa.

Assim como no exemplo anterior com as obras de Frida Kahlo, aqui a arte, neste caso a fotografia, não apenas ilustra, mas cria, enriquece os sentidos e transforma. Ela não traduz a experiência, ela é a experiência em outro idioma (Pink, 2021) e, como tal, abre caminhos para uma pesquisa que convida à convivência, à escuta e à imaginação, marcas fundamentais de um fazer investigativo ético, estético e relacional, voltado à construção de futuros desejáveis. Esse exemplo mostra que a fotografia foi utilizada não como suporte ilustrativo, mas como linguagem relacional de pesquisa, criando sentidos, acionando afetos e compondo, junto a outros métodos, uma análise multissensorial e *future-forming*.

## CONVITE À REFLEXÃO

Essas são duas experiências de pesquisa em que utilizamos a arte como elemento metodológico para articular, na prática, a lógica do construcionismo social, conectando-nos ao contexto, aos participantes e cocriando sentidos. Nessas múltiplas composições

de pesquisas e de compartilhamento, como você se localiza? Onde e como você se posiciona? Como tem sido seu percurso de pesquisa? Como você tem se relacionado com as pessoas, famílias e comunidades com as quais estabelece parcerias e diálogos de investigação? Qual é a trajetória das suas pesquisas e como ela molda sua visão? De que maneira você está se conectando e interagindo com as comunidades com quem constrói suas pesquisas? Esperamos que este texto te inspire a refletir sobre o impacto e o alcance do seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, H.** (2019). Prática colaborativo-dialógica: uma orientação para maneiras de ser e vir a ser com outros convidando o potencial para generatividade e transformação. In: Grandesso, M. A. (Org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras* (p.259-269). Curitiba: CRV.
- Barati, T., Bodiford, K., Chaveste, R., Gale, J., Issari, P., Molina, M. L. P., Reisz, J., Sesma-Vazquez, M., & Torres-Davila, P.** (2024). *What does relational research mean to us?* Taos.
- Camargo-Borges, C., & McNamee, S.** (2022). *Design Thinking & Social Construction: a practical guide to innovation in research*. Amsterdam: BIS Publishers.
- Carvalho, G., Costa Neto, S. B. da., & Ferreira, C. B.** (2020). Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas. *Rev. SBPH*, 23(1), p.95-108.
- Cordeiro, M. P., Lopes, F. T. P., Brigagão, J. I. M., & Rasera, E. F.** (2023). Uma breve introdução ao movimento construcionista. In: *Diálogos sobre construcionismo social* (p.13-28). Curitiba: CRV; IPUSP.
- Ferreira, C. B.** (2022). Construindo dados com as artes. In: Barroso, S. M. (Org.). *Pesquisa em psicologia e humanidades: métodos e contextos contemporâneos* (p.171-185). Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, C. B.** (2025). Trabalhando com a metodologia do “Ritmos da Vida” para a construção de inteligibilidades de pesquisa. In: Lorenzi, C. G., Brigagão, J. I. M., & Kind, L. (Org.), *Cotidiano e práticas sociais: indagações sobre futuros possíveis* (p.41-52). Curitiba: CRV.
- Ferreira, S. F., & Ferreira, C. B.** (2022). Residência terapêutica: permanências e rupturas nas práticas de trabalho. *Psicologia em Estudo*, 27, 1-10. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.49795>>.
- Gergen, K. J.** (2015). “From Mirroring to World-Making: Research as future forming”. *Journal For The Theory Of Social Behaviour*, 45(3), p.287-310. Disponível em: <<https://works.swarthmore.edu/fac-psychology/797>>.
- Gergen, K. J.** (2021). *The relational imperative: Resources for a world on edge*. Taos Institute Publications.
- Hesse, M.** (2018). *Frida Kahlo: uma biografia*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Kahlo, F.** (2012). *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Leavy, P.** (2015). *Method meets art: arts-based research practices*. New York: The Guilford Press.
- McNamee, S.** (2017). Pesquisa como construção social: Investigação transformativa. In: Grandesso, M. A. (Org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas* (p.459-478). Curitiba: CRV.
- McNamee, S.** (2020). Relational research (trans)forming practices. In: Ochs, M., Borcsa, M., & Schweitzer, J. (Org.), *Systemic research in individual, couple, and family therapy and counseling* (p.115-124). New York: Springer.

- McNamee, S., & Hosking, D. M.** (2012). *Research and social change: a relational constructionist approach*. London: Routledge.
- McNamee, S., Raser, E. F., & Martins, P.** (2023). *Practicing therapy as social construction*. London: Sage.
- Miranda, B. A. B., Ferreira, C. B., & Silva, E. M. C.** (2024). Frida Kahlo mediando narrativas de psicólogas hospitalares sobre a pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos De Vida E Saúde No Contexto Social*, 12(4), e7670. Disponível em: <<https://doi.org/10.18554/refacs.v12i4.7670>>.
- Müller, A.** (2011). *Ritmos da vida*. Recuperado de: <[https://dulwichcentre.com.au/wp-content/uploads/2014/08/Ritmos\\_da\\_Vida.pdf](https://dulwichcentre.com.au/wp-content/uploads/2014/08/Ritmos_da_Vida.pdf)>.
- Nunes, N. K., & Ferreira, C. B.** (2021). Construções sociais do amor e seus atravessamentos em cuidadores familiares. *Revista Família, Ciclos De Vida E Saúde No Contexto Social*, 9(1), 99-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.18554/refacs.v9i1.5113>>.
- Paschoal, V. N., & Grandesso, M. A.** (2014). O uso de metáforas em terapia narrativa: Facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(48), p.24-43. Disponível em: <<https://revistanps.com.br/nps/article/view/48>>.
- Pérez Subirana, C.** (2025). *Reclaiming swimmable cities: regenerative tourism through pleasure activism*. A case study of the Swimmable Cities Summit in Rotterdam, Breda University of Applied Sciences, Breda.
- Pink, S.** (2021). *Doing visual ethnography* (4. ed.). London: Sage.
- Raser, E. F., Vieira, E. M., & Japur, M.** (2004). Influence of gender and sexuality on the construction of being HIV positive: As experienced in a support group in Brazil. *Families, Systems & Health*, 17(3), p.340-351. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1091-7527.22.3.340>>.
- Selg, P., & Ventsel, A.** (2020). The “Relational Turn” in the Social Sciences. In: *Introducing Relational Political Analysis*. Palgrave Studies in Relational Sociology. Palgrave Macmillan, Cham.
- Silva, A. M., & Ferreira, C. B.** (2023). Enfermeiras superando desafios cotidianos e pós-pandemia de COVID-19 com o “Ritmos da Vida”. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 32(77), p.54-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.38034/nps.v32i77.724>>.

---

### **CINTIA BRAGHETO FERREIRA**

Professora de Psicologia, Nível de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico), Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM  
E-mail: [cintiabragheto@gmail.com](mailto:cintiabragheto@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-4070-7169>

### **CELIANE CAMARGO-BORGES**

Professora Breda University of Applied Sciences; Professora convidada na Califórnia Institute Integral Studies; Consultora em Designing Conversations; Associada do Taos Institute;  
E-mail: [celianeborges@gmail.com](mailto:celianeborges@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-8451-0056>